

BREVES

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE A CULTURA CANAVIEIRA NA REGIÃO AMAZÔNICA.

— OSWALDO GALVÃO PEREIRA —

Engenheiro Agrônomo — Ass. Técnico do I. A. N.

INTRODUÇÃO

Na Região Amazônica a lavoura canavieira desempenha um papel secundário na sua economia, porém, existem alguns municípios no Estado do Pará, os quais têm aquela economia baseada na exploração desta lavoura, a qual destina-se exclusivamente à produção de aguardente, uma vez que a produção de açúcar em grande escala e na situação da lavoura canavieira atual é anti-econômica. A indústria tem como base *engenhocas* e *meias-parelhas*, sendo que a sua maquinária é obsoleta. A variedade de cana utilizada no plantio é quase que exclusivamente a Caiana. Devido a êsses fatores, o que se deve explorar, na pequena indústria atual, é a aguardente e álcool.

IMPORTÂNCIA

Atualmente na Amazônia, o Estado do Pará, importa em média 450.000 sacos de açúcar de outros centros produtores do Brasil, acarretando um enorme desvio das nossas divisas, já por si só precárias.

Tempos atrás o Pará fabricava açúcar principalmente nos municípios canavieiros do Estado, tais como, Abaetetuba, Igarapé-Miri, Muaná, Breves e Afuá, sendo que a produção dava em parte, para complementar a importação do produto, porém não houve apóio e incentivo para o desenvolvimento da lavoura da cana-de-açúcar em bases técnicas racionais e conseqüentemente para o aumento da produção desse produto. Aliado a êsses fatores, surgiram as restrições de côtas para a fabricação do açúcar, impostas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, sendo que ficamos reduzidos a uma côta inferior a 7.000 sacos. Além do mais, com os métodos de cultura utilizados e a má aparelhagem das indústrias, não é aconselhável a produção do açúcar. Por êsses motivos, os municípios canavieiros do Estado do Pará passaram a fabricar quase que exclusivamente aguardente, o que vem a ser mais lucrativo nas condições da lavoura

e indústria atuais, entretanto êsses lucros são diminutos em relação a uma indústria açucareira bem orientada, o que vem acarretar uma espécie de estacionamento no desenvolvimento econômico dos referidos municípios.

Essa zona canavieira oferece boas possibilidades à lavoura em questão, bastando citar que um plantio de cana-de-açúcar chega a proporcionar, em alguns casos, 12 ou mais fôlhas ou córtes, sem se utilizar métodos racionais de cultivo.

Baseados em dados de observações, executamos, na zona do Estuário, um plantio de cana-de-açúcar, utilizando-se a técnica de cultivo e variedades de canas consagradas de alto rendimento industrial, em um sólo de várzea explorado há vários anos seguidos por diversas culturas e sem adubação. Como resultado parcial, obtivemos uma produção média superior a 100 toneladas de cana por hectare e uma riqueza em sacarose, variando de 16 a 21%, conforme as variedades cultivadas. Em dados obtidos do cultivo da cana-de-açúcar nos lactosolos amarelos, ou seja, nas nossas *terras firmes*, a produção da cana chegou a alcançar 90 toneladas por hectares, isto no primeiro corte, ou seja, na cana de planta, porém da 2.^a fôlha em diante, ou seja, da Sóca e Ressãoca, a produção descreceu assustadoramente, o que vem tornar desaconselhável o plantio de cana nesses sólos, salvo se utilizarmos adubações orgânica e mineral, o que poderá ser econômico ou não.

Convém tornar claro, que a produção de cana por área cultivada é retirada da média dos três primeiros córtes, ou seja, cana planta, sóca e ressãoca.

No ano de 1961, o Governo liberou cótas para a fabricação de açúcar no Estado do Pará, porém, com o seu atual processo de cultivo, a implantação imediata de uma indústria açucareira redundará em um fracasso.

O Instituto Agrônômico do Norte, por um lado, e o Consórcio I. B. SABBÁ, por outro, estão atualmente empenhados no estudo técnico a respeito da cultura da cana-de-açúcar na Amazônia.

MÉTODO DE CULTIVO

O processo empregado no cultivo da cana-de-açúcar atualmente na Amazônia é o mais empírico possível, sendo o mesmo usado desde os tempos coloniais. Nos municípios canavieiros do Estado do Pará, o agricultor faz a preparação do seu roçado praticando a derrubada da mata, queima e, às vezes, pratica o encoivramento. Seguida a estas operações o agricultor introduz a *ponta* ou *bandeira* de cana no sólo em sentido oblíquo, deixando 1/3 fóra do sólo. Este método de plantio é utilizado, na zona das Ilhas do Estuário, em virtude dos sólos de várzeas dessa região estarem sujeitos à penetração constante de marés, que, no caso de se plantar o rolêto de cana em covas ou sulcos, viria ocasionar a fermentação ou apodrecimento do mesmo. Do plantio à colheita, às vèzes, procedem uma ou duas capinas, conforme seja necessário. A colheita é feita, em média, com um ano após o plantio, sendo que a variedade da cana cultivada é quase que exclusivamente a *Caiana*, plantada nessa zona desde o início da lavoura canavieira no Pará. A Cana Caiana é uma variedade de côlmo mole, muito caldo, com um teor de sacarose variando de regular ao baixo. Tem um grande inconveniente, que é a predisposição ao *Acamamento*. Este fator *Acamamento* é muito

sério para a zona Canavieira do Estado do Pará, uma vez que os solos de várzea desta área de cultivo da cana são invadidos constantemente pelas marés, e, em consequência, ocasiona a fermentação das plantas acamadas, invertendo a sacarose e dando rendimento baixo em açúcar. Além do mais as canas ficam sujas de lama, as quais, nesse estado, vão para as moendas dos engenhos a onde são moídas com a própria lama, depreciando assim o seu valor industrial.

Também é muito comum o cabôclo fazer o seu roçado de cana em consorciação com o milho ou arrôz, os quais servem à sua manutenção.

APROVEITAMENTO

No Estado do Maranhão, o cultivo da cana-de-açúcar é feito no vale do Mearim e Turi-açu, sendo que a produção de cana em toneladas p/ano é da ordem de 450.000, portanto o triplo do E. do Pará. O produto destina-se, como no Pará, ao fabrico de aguardente, porém tem uma percentagem maior de produção de açúcar, como na Uzina Aliança, localizada no vale de Turiaçu.

No Estado do Amazonas, o cultivo da planta ainda é de menor expressão econômica, no entanto é onde observa-se desde há 3 anos um interesse pela racionalização da cultura, através principalmente dos trabalhos que o Consórcio Indústria Sabbá vem desenvolvendo nas proximidades de Manaus.

Nos Territórios quase nada se tem feito; só plantios esparsos, apenas para o fabrico de mel, rapadura e alguma aguardente.

No Estado do Pará, como já citamos, o aproveitamento da cana-de-açúcar é quase que exclusivo na fabricação de aguardente — “Cachaça”, — sendo que alguns engenhos fabricam o alcool em percentagem mínima em relação à aguardente. No município de Muaná, existe uma “meia-parêlha” denominada Uzina Palhêta, que fabrica açúcar, porém, a sua cota de fabricação não ultrapassa a 4 500 saccos de açúcar anuais, sendo, portanto, insignificante, mas, mesmo assim, têm lucro médio de Cr\$ 1.000,00 por sacco de 60 quilos, isto devido à mão-de-obra barata e ao grande latifundio existente na Região.

Ao contrário do que acontece nos outros centros produtores de açúcar do Brasil, o fabrico de aguardente no Pará é um produto e não um sub-produto, como naqueles centros.

A fabricação de aguardente na zona canavieira do Pará é feita do seguinte modo:

Após a colheita da cana-de-açúcar, ela é levada mesmo suja de lama, para a moenda de constituição antiquada, o que vem acarretar a quase não extração da sacarose do bagaço. O caldo extraído fica pastoso devido a mistura com a lama das várzeas, e, assim mesmo, é posto para fermentar em recipientes de madeira “tonéis” para, logo após a fermentação, ir para o alambique, de onde sai o produto, ou seja, a aguardente. Dos engenhos, a aguardente da cana é vendida em frascadeiras aos diversos depósitos existentes nos municípios de Belém, como também Cocal, S. Sebastião da Boa Vista, os quais, engarrafam o produto e o exportam para as diversas cidades da Amazônia. Assim, esses municípios engarrafadores atuam

como intermediários, prejudicando a economia da zona produtora da cana-de-açúcar.

PLANOS DE TRABALHOS REALIZADOS NO INSTITUTO AGRO-NÔMICO DO NORTE E OS QUE DEVERÃO SER EXECUTADOS INICIALMENTE

Há 5 (cinco) anos, aproximadamente, o I. A. N. iniciou os seus estudos de pesquisas a respeito da cultura da cana-de-açúcar, porém a falta de recursos materiais nos impediu de prosseguir nossas pesquisas, sendo que somente conseguimos manter o que já tínhamos realizado e fazer alguma coisa do que dispúnhamos em prejuízo de outras.

Em 1957, após fazermos um levantamento da Zona Canavieira do Estado do Pará, introduzimos no I. A. N. novas variedades de cana-de-açúcar, procedentes dos seguintes órgãos de pesquisas:

Em 1957, procedente do Instituto Agronômico do Nordeste, em Pernambuco: — P. O. J. 28-78, P. O. J. 28-83, Co. 290., Co 419, Co. 421, PB. 46-95, PB. 46-117, PB. 46-186, PB. 52-82, PB. 53-24, CB. 38-37, CB. 41-64, CB. 41-70, D-625, CP. 27-139 e Azul Casa Grande.

Em 1958, procedentes da Estação Experimental de Campos, no Estado do Rio de Janeiro: — CB. 41-76, CB. 40-77, CB. 47-15, CB. 45-40, CB. 45-6, CB. 45-3, CB. 49-15 e CB. 38-39.

Em 1962, procedentes do Instituto Agronômico de Campinas, no Estado de São Paulo: — I. A. A. C-55-29, I. A. A. C-48-65, I. A. A. C-50-218, I. A. A. C-49-131, I. A. A. C-55-26, I. A. A. C-54-439, I. A. A. C — 54-69, I. A. A. C-50-134, I. A. A. C-47-31.

Após a introdução dessas variedades acima citadas, iniciamos um trabalho de multiplicação e seleção das mesmas, para instalarmos um mostruário das melhores variedades, após testes de observações.

Das variedades selecionadas, instalamos ensaios Experimentais de Competição de variedades, Método de Plantio e Época de Plantio, sendo que de alguns dêles, já temos resultados parciais, enquanto que prosseguimos com os outros, inclusive estamos preparando material para iniciar as nossas pesquisas genéticas com o intuito de obtermos nossos próprios clones de cana-de-açúcar.

Pretendemos, tão logo tenhamos recursos financeiros, estender as nossas pesquisas a tôdas as zonas produtoras da Amazônia.